

Crianças sabem o que é necessário

Se os adultos de Vargem Bonita se confessam indecisos ao serem questionados sobre quem são seus candidatos, três crianças têm uma resposta na ponta da língua. Valcione Aparecida dos Santos, 13 anos, diz, por exemplo, que se fosse eleitora daria seu voto a "alguém que convivesse com os problemas do estado". Edmar Ferreira da Silva, 13 anos, "a uma pessoa de bom caráter, que se preocupasse com todos". E José Carlos Gomes de Brito, 15 anos, "votaria naqueles que estão querendo o cargo não para ganhar dinheiro mas para trabalhar pela comunidade".

Se as fórmulas não facilitam muito e a escolha continua difícil, eles não se importam, embora esse não seja um problema deles. Valcione diz que é só prestar atenção à tevê no horário gratuito, pois "alguns demonstram que se empenharão se eleitos". Alerta, contudo, que deve-se prestar muita atenção naqueles que dão pão, leite e guarda-chuvas, das "Estão comprando a consciência das pessoas". E, se todo cuidado é pouco, Edmar acrescenta: "Têm uns que prometem e a gente sabe que só estão querendo o voto".

Mas, o que esperar desses candidatos? Também não é uma preocupação para crianças de 13, 14 e 15 anos. Ou é?

O pai carpinteiro e a mãe doméstica nunca falaram sobre Constituinte na casa de Edmar. Valcione, filha de um casal de caseiros, e José Carlos, de uma família de lavradores, também não discutem Constituição na mesa de almoço. Esse tipo de questão lhes foi apresentada na mesma sala da Escola Classe de Vargem Bonita, onde cursam a 7ª série. Depois é que a levaram para seus lares, suas vidas. E aí descobriram o que querem dos eleitos.

E José Carlos descobriu na própria pele: "O negro não é considerado como o branco. Por causa da nossa cor, somos vistos como maus elementos. Devíamos ser todos iguais, como está na Constituição. Lá existe esse direito, mas de nada adianta. Também é preciso mais emprego, moradia... No Plano Piloto, vejo gente morando embaixo de ponte. O imposto que a gente paga devia contribuir para fazer casa para esse pessoal. Tem gente que tem fazenda aí, sem nada

plantado. Podia construir casalá".

— Primeiramente, a igualdade entre as pessoas — interfere Edmar, observando que "várias têm inúmeras e inúmeras fazendas; outras são esquecidas num canto". E prosseguindo, justifica a necessidade de uma Assembléia Nacional Constituinte: "Em geral, nossa Constituição não está certa, porque está velha. Não há entendimento entre ela e o povo. Ela não atende o que o povo quer. O menor abandonado deve ter mais apoio..."

— As condições de estudo de hoje, por exemplo, são as mesmas de 10 anos atrás: o professor, o aluno, o caderno e o livro — se queixa Valcione, outra defensora do menor abandonado. Apaixonada pelo tema, chegou a propor que "o governo devia construir uma casa para cada criança". Depois, percebendo o exagero, admitiu que "seria difícil" e reconsiderou a proposta: "É preciso valorizar a criança abandonada, que, por essa condição, é muitas vezes vista como trombadinha".

Edmar, José Carlos e Valcione foram selecionados para debater temas reclamados à Constituinte com alunos de toda a rede oficial de ensino do Distrito Federal. Mas eles não são propriamente um exemplo do aluno da Escola Classe de Vargem Bonita. Em sua maior parte, eles não conhecem nem os mais elementares hábitos de higiene, conforme revelou uma professora, que preferiu ficar no anonimato para denunciar, ainda, a prostituição de menores que acontece em Vargem Bonita.

A professora em questão acredita que a escola pode ser a salvação dos filhos dos lavradores que trabalham nas chácaras da Zoobotânica, morando em barraços de dois metros quadrados, às vezes com mais sete ou oito pessoas. "São crianças muito exploradas. Tem um aluno de oito anos que pega duro toda tarde, plantando mudas de samambaias, para ganhar um salário de Cz\$ 50,00 por mês". E conta a importância que a comunidade dá à escola, relatando o caso de um garoto que, levado à aula, no primeiro dia, pelo pai, ouviu um conselho para aproveitar bem "as horas que vai passar aqui", enquanto se despediam com emocionado aperto de mão.



José Carlos, Valcione e Edmar têm conhecimentos